



Eduardo manuseia com cuidado o projetor fabricado antes da Segunda Guerra

# FORA DE QUADRO



TEXTO SANDRA VARGAS  
FOTOS ANGELO HECTOR

**E**duardo da Conceição bem poderia ter inspirado a história do grande clássico cinematográfico *Cinema Paradiso*. Assim como Totó, o menino que adorava cinema e que acabou trabalhando como operador de um projetor, Eduardo também passou de admirador a projetorista. Trabalhando na projeção de filmes há mais de 14 anos, ele lembra da sua adolescência, quando saía do supermercado, onde era empacotador, e percorria os cinemas de Porto Alegre. Passava para ajudar os primos e o irmão que já trabalhavam como operadores. Às vezes ficava na bilheteria, em outras pegava a lanterna e verificava as poltronas das salas de exibição. E, com isso, lá se vão mais de 20 anos em que a sétima arte faz parte da sua vida. No início, como lazer, e depois, como ofício. Começou na portaria, no Centro Comercial João Pessoa. Aproveitava os intervalos para aprender a operar o projetor, e assim que surgiu uma vaga se candidatou. Assumiu então o posto de operador e daí em diante esteve em vários estabelecimentos da cidade, até sua chegada, há oito anos, na Cinemateca Paulo Amorim.

A Cinemateca foi criada em 1986 e funcionou em outros locais antes de se estabelecer definitivamente na Casa de Cultura Mario Quintana. A partir de 1990 é que a instituição começou a ter uma programação propriamente dita, como explica o gerente de cinema Sérgio Severo. O espaço hoje conta com três salas de exibição, a Paulo Amorim, a Eduardo Hirtz e a Norberto Lubisco.

O público que frequenta as salas é bem variado, incluindo cinéfilos, estudantes e pessoas da terceira idade. A casa consegue manter uma programação através de parcerias e também traz cópias raras de outros estados e países. Uma fita entra com uma semana de exibição e pode se manter por mais tempo de acordo com o público. Para atrair mais espectadores, a cinemateca promove diversos ciclos, reúne obras premiadas, faz homenagens a diretores e artistas como estratégia de sobrevivência.

### Faz calor, mas o filme roda

Então adivinhe de qual sala é nosso operador? Sim, é da Eduardo Hirtz, mas não é só pela coincidência do nome que essa história chama atenção. Para começar, o acesso à cabine é estreito e deve ser feito através de uma minúscula escada em espiral. Assim que se entra pela porta, no acesso ao pequeno corredor já é possível notar a diferença na temperatura, bem mais quente do que fora.

Essa é a principal queixa de Eduardo, mas não a única, pois a pequena sala retangular abriga dois projetores alemães do início do século XX que fazem muito barulho quando estão em funcionamento. Somado a isso, tem também o ronco de um antigo ventilador, que é uma das poucas formas de apla-

Uma cabine de projeção que revela mais do que a rotineira exibição de filmes



## CURIOSIDADES

- Um filme pode pesar até 35 quilos
- Todo projetor tem três tipos de lente, cada tipo de película exige uma diferente
- O filme deve ser colocado de cabeça para baixo no projetor
- Fitas que ficam guardadas por muito tempo acabam adquirindo um cheiro parecido com o de vinagre
- A cópia de um filme custa entre R\$ 9 mil e R\$ 10 mil

car a alta temperatura da cabine. Recentemente foi colocado um exaustor com o intuito de sugar parte do calor produzido no ambiente, que, diferentemente das outras salas da casa, não conta com uma janela. No espaço restante foram dispostas uma mesa de montagem no fundo, encostada na parede; algumas cadeiras, um pequeno armário e mais um projetor de filme 16 mm, lado a lado, atrás dos dois projetores; e na parede da frente, ao lado das máquinas, ainda cabe mais um armário, onde ficam as lentes e outros objetos. É nesse ambiente restrito, abafado e barulhento que Eduardo cumpre com seu labor.

Embora os projetores sejam antigos, o operador afirma que nunca precisou suspender nenhuma seção por problemas no maquinário, e isso que eles eram movidos a carvão. Claro que hoje já estão adaptados, no lugar do carvão entrou uma lâmpada de 3.500 watts de potência, o suficiente para colocar o velho projetor alemão em operação. O resto continua com a mesma função. Para rodar um filme nesses projetores é preciso, além da habilidade manual, conhecer os detalhes escondidos em cada fita. É necessário saber o ponto exato do enquadramento, onde ficam os áudios analógico e digital, como devem ser feitas as emendas e como ajustar de maneira metódica as folgas da película nas peças do projetor.

### O processo

Assim que as cópias chegam à Cinemateca, o responsável pelo seu recebimento é o gerente de cinema Sérgio Severo. Depois de conferir o material e organizar os borderôis com a programação das salas, Sérgio leva os materiais para a respectiva sala.



O operador prepara as duas máquinas, que têm capacidade para apenas uma hora de filme cada. Juntando todas as partes de uma película, o rolo pode pesar até 35 quilos. O ambiente restrito torna o local muito abafado



## IMPRESSÃO DE REPÓRTER

Buscar uma pauta que pudesse trazer conhecimento sobre algo que não sabemos foi meu maior desafio. Hoje, parece que tudo já foi descoberto e não existe lugar que possa ser desvendado. Diante dessa interpretação, procurei algo que fosse de conhecimento comum, mas que ao mesmo tempo tivesse seus mistérios. Depois de peregrinar entre várias possibilidades, acabei chegando até a Cinemateca Paulo Amorim. Nesse momento, toda dificuldade que enfrentei para marcar as entrevistas foi substituída pela minha curiosidade e expectativa. O local me surpreendeu desde o começo, bem diferente do que imaginava. A sala pequena, quente e barulhenta não foi empecilho para a conversa animada com Eduardo, o operador. Como meu interesse era no funcionamento da projeção de cinema, descobri que fui ao lugar certo, pois o personagem que conheci convive nesse ambiente há mais de 20 anos. Além de ficar sabendo como acontece a exibição de um filme, entendi como uma atividade pode acabar sendo reduzida quase só ao funcionamento de máquinas.

O operador recebe as latas com o filme dividido em partes. A montagem da obra é o próximo passo. Cada recipiente contém 15 minutos de fita. Se um longa-metragem tem duas horas de duração, ele vai chegar em oito latas, todas com a descrição na tampa. A partir das informações de cada fita e com a programação em mãos, os operadores iniciam a montagem propriamente dita. Nesse momento as partes são emendadas uma a uma, com o auxílio da eficiente coladeira, uma espécie de prensa manual abastecida com fita duxex. Antigamente se usava cola, o que trazia inúmeros casos de tela branca, uma vez que o filme volta e meia arrebentava na emenda feita com a cola. Esses incidentes ficaram no passado. "É mais fácil quebrar uma peça do que um filme arrebentar", destaca Eduardo.

Então colocam-se as pontas da primeira e segunda parte do filme dentro do aparelho, passa-se a fita duxex de um lado e pressiona-se a área, vira-se a emenda e repete-se a ação. Eduardo faz esse ritual até o rolo chegar a uma hora de duração, pois os projetores só têm capacidade para esse tempo de fita. Depois que o rolo está pronto, ele coloca no carretel, que será acoplado no projetor. Agora só falta arrumar a fita nos encaixes das peças, operação totalmente manual para esse tipo de maquinário. Nos cinemas com aparelhamento digital, grande parte dessas etapas é realizada pela máquina. Quando está tudo pronto, o operador liga o projetor e acompanha para ver se está tudo certo, enquadramento, foco, legenda, áudio. Trabalho de montagem encerrado, então é só aguardar o término da exibição, que nesse caso vai acontecer depois de uma hora, quando o segundo aparelho deve ser ligado para passar a parte final do filme.

## As histórias

Enquanto a fita está rodando, Eduardo relembra algumas histórias desses tantos anos de profissão. Uma que nunca esqueceu, e que levou como lição de casa para ser um bom projetorista, foi a reação de um senhor que estava assistindo a um filme na primeira fileira no cinema do Shopping João Pessoa. Como de costume, sempre que o filme acabava, Eduardo esperava o sinal do porteiro para saber quando podia interromper a projeção. Olhou para o colega e recebeu o sinal de positivo, então desligou o projetor. Nesse momento percebeu a indignação do senhor que ainda estava sentado olhando os créditos finais do filme. O sujeito ficou tão furo que foi direto na direção da cabine, xingou o operador e disse que ele não tinha o direito de cortar os créditos, pois ele havia pago por isso. Depois dessa, Eduardo nunca mais cortou crédito de filme nenhum. Não importa o idioma da obra, enquanto a fita não termina de passar na máquina, ele não desliga.

Quando está sozinho, ele conta que prefere estudar para passar o tempo. Está fazendo um curso de técnico em refrigeração. Eduardo revelou que pretende largar o cinema antes que o cinema o deixe. Essa foi sua definição, visto que o público diminui a cada dia e logo todas as salas de exibição irão operar quase totalmente de forma digital, restando pouco trabalho para os operadores. Como o personagem Salvatore, que se torna cineasta, Eduardo também deverá sair da cabine, só que não para dirigir uma câmera. É possível que o operador sinta falta do cinema, mas devem ser os amantes da tela grande que perderão mais com a sua ausência. A dedicação e o conhecimento do projetorista nenhuma máquina é capaz de substituir.